

Olacyr de Moraes rejeita gradualismo

GERMANO DE OLIVEIRA

SÃO PAULO — Defendendo um grande choque na economia como o primeiro ato do futuro Governo, já que não se consegue reduzir uma inflação de 60% ao mês com gradualismo, o empresário Olacyr de Moraes acha que se Fernando Collor de Mello tomar “medidas arrasadoras”, como espera, para moralizar a máquina governamental, conter os gastos, diminuir a máquina estatal, demitir o pessoal ocioso e apresentar um projeto sério de privatização, os empresários darão uma trégua ao futuro Presidente, para que ele tenha alguns meses para recolocar o País no caminho do desenvolvimento.

— Fernando Collor terá que mostrar que o País mudou e todos vão colaborar — afirma Olacyr de Moraes. — Todos querem um País viável, com segurança, inclusive os trabalhadores. E nós, empresários, temos consciência da situação que o País atravessa e sabemos que não será distribuindo favores e crescendo, num primeiro momento, que vamos superar a crise. Teremos recessão, mas quanto maior for a recessão na máquina do Governo, menor será a da economia como um todo.

Olacyr de Moraes, que dirige 30 empresas e emprega 30 mil pessoas, considera inadmissível que o País tenha 20 milhões de trabalhadores com carteira assinada, ao mesmo tempo em que oito milhões trabalham para o Governo, ganhando salários esbanjadores.

— Temos que acabar com essa história de que um motorista do Congresso ganhe NCZ\$ 40 mil e um motorista da iniciativa privada somente NCZ\$ 7 mil, aumentando o déficit público e obrigando o Estado a emitir alucinadamente, pagar juros absurdos, o que nos leva a viver de especulação, aproveitar a vida e trabalhar pouco. Se o choque no Governo for grande, não precisaremos ter recessão nenhuma, pois a iniciativa privada poderá absorver os funcionários dispensados pelo Estado.

Dono de grandes empresas, como o Banco Itamarati e a Construtora Constran, apesar de só ter estudado até o terceiro ano do colegial — “trabalhava dia e noite, sem tempo para estudar” —, Olacyr de Moraes calcula que os empresários brasileiros tenham perto de US\$ 60 bilhões (NCZ\$ 1,0 trilhão, pela taxa de câmbio oficial) prontos para serem investidos no País, considerando levantamentos feitos pelo próprio Banco Central, de que no ano passado mais de US\$ 1 bilhão (NCZ\$ 16,8 bilhões) mensais evadiram-se do País. Ele defende um projeto concreto de privatizações, do qual deveriam participar também as empresas estrangeiras.

— Os japoneses já são sócios da Usina de Tubarão e da Usiminas e nem por isso o País corre qualquer risco em sua soberania — observa. — Temos que usar a tecnologia estrangeira, caso contrário vamos continuar produzindo chapas de aço para automóveis que enferrujam dois